

Dicionário Inter-regional de Psicanálise

CONTINÊNCIA: CONTINENTE-CONTIDO

Entrada tri-regional

**Consultores inter-regionais: Louis Brunet (América do Norte);
Vera Regina Fonseca (América Latina); Dimitris-James Jackson (Europa)**

Co-presidente da coordenação inter-regional: Eva D. Papiasvili (América do Norte)

**Tradução para o português: Alda R. D. de Oliveira
(Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre)**

**Coordenação e edição para a tradução para o português:
Maria Cristina Garcia Vasconcellos (Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre)**

I. DEFINIÇÃO

O conceito de Continente-Contido de Wilfred R. Bion foi concebido como uma analogia entre a dupla analítica e a situação de amparo na relação mãe-bebê quando da amamentação. O conceito define a mãe não apenas como doadora de leite reconfortante e satisfatório, mas também como um órgão receptivo que contém a dor emocional do bebê, sendo capaz de acalmar essa dor para o bebê, restaurando-a a um tamanho natural no qual ela possa ser controlada. Nos termos de Bion, geralmente, representa a transformação da dor de “O” (significando terror sem nome), para “K” (conhecimento), como em “agora eu posso pensar no impensável!”

Do ponto de vista da evolução teórica, o conceito apresenta uma extensão da teoria da Identificação Projetiva (ver IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA); uma teoria de fantasia primitiva e defesa se transforma em uma teoria de forma de comunicação arcaica, necessária para o desenvolvimento do pensamento.

Como um modelo relacional de funcionamento mental, o processo de Continência expande uma interação recíproca linear entre a dupla Continente-Contido a partir das seguintes etapas: um estado mental (conteúdo) é transmitido a partir de um emissor para um receptor; o receptor potencialmente "contém" e transforma este conteúdo através da ação psíquica; o conteúdo transformado, juntamente com a "função de continência", podendo então ser re-introjetado pelo emissor.

Embora o protótipo do desenvolvimento desse modelo seja a relação mãe-bebê, o

conceito também é aplicável como um tipo especial de comunicação inconsciente que ocorre tanto nas relações diádicas quanto nos grupos, bem como no processo psicanalítico. Também é aplicado para compreender o processo intrapsíquico no qual o indivíduo tenta conter, converter/transformar e transmitir suas emoções em palavras.

Em uma situação clínica, o processo de Continência tem um significado especial na compreensão dos processos psicanalíticos e no desenvolvimento do pensamento/simbolização. Tecnicamente, significa mais do que suportar silenciosamente os gritos ou outras demonstrações de dor do bebê/paciente. A Continência envolve a identificação, a transformação e a interpretação necessária para lidar com a dor quando possível.

A definição multidimensional acima, reflete, extrapola e expande os dicionários e enciclopédias nos três continentes (Lopez-Corvo, 2003; Skelton, 2006; Auchincloss e Samberg, 2012).

II. ORIGENS DO CONCEITO

O conceito tem suas raízes na Inglaterra de 1940 com a pesquisa clínica sobre esquizofrenia (transtorno do pensamento psicótico), estudada por Melanie Klein e seus seguidores Herbert Rosenfeld, Hanna Segal e Wilfred R. Bion. (O termo também pode vincular a experiência de WR Bion como comandante de tanque de guerra. Continência como um termo militar implica restringir e minimizar conflitos no campo de batalha sem necessariamente erradicá-los, tornando-os mais gerenciáveis).

As “*Notas sobre alguns mecanismos esquizóides*” de Klein (1946) elucidaram sua visão sobre o ponto de fixação patológica da esquizofrenia na primitiva fase inicial da vida infantil, do nascimento aos 3 meses, o que ela chamou de posição “esquizo-paranóide”. Nessa posição, relações objetais, ansiedades persecutórias e aniquilatórias, bem como mecanismos primitivos de defesa, como divisão, identificação projetiva, negação e onipotência, são ativas. Rosenfeld (1959, 1969) aprofundou, particularmente, a compreensão da identificação projetiva em seus estudos clínicos (1950-1970). Ele revelou o processo no mundo infantil e primitivo do paciente: os pacientes projetam os objetos internos, parte objetos e partes conflitantes do eu no objeto - a mãe/seio e o corpo/terapeuta - para poder lidar com estes sentimentos através do objeto, subsequentemente tornando-os parte do eu através da re-introjeção e identificação. Esse processo de projeção e re-introjeção tornou-se parte fundamental da pesquisa de Bion sobre Continente-Contido.

As primeiras referências incipientes à teoria Continente-Contido apareceram nos textos de Bion de 1950, particularmente em *Desenvolvimento do pensamento esquizofrênico* (1956, em: Bion 1984); *Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não psicótica* (1957, em: 1984); *Sobre alucinação* (1958, em: Bion, 1984) e *Ataques à ligação* (1959). Fazendo uma referência à relação do bebê com o seio, baseado na teoria de Melanie

Klein sobre identificação projetiva (Klein, 1946), ele destaca a importância da adaptação entre a mãe/seio e o bebê, ao confrontar a desintegração e ansiedade de morte que os recém-nascidos experimentam. A presença satisfatória do seio continente é fundamental quando se trata de enfrentar as sensações e modificá-las, permitindo a aprendizagem emocional. Assim, as formulações de Bion sobre o conceito de identificação projetiva como uma defesa primitiva do ego, evoluem para uma descrição de uma identificação projetiva realística de desenvolvimento normativo implícita no modelo Continente-Contido.

III. CONTINENTE-CONTIDO (CONTINÊNCIA): EVOLUÇÃO DO CONCEITO EM BION

Em seu artigo de 1959, “*Ataques à ligação*” (Bion, 1959), Bion descreveu sua experiência com um paciente psicótico que confiava na identificação projetiva para descarregar partes de sua personalidade no analista, onde, do ponto de vista do paciente, se lhes fosse permitido repousar por tempo suficiente, passariam pela modificação da psique do analista e então poderiam ser seguramente re-introjetadas. Bion descreve como o paciente sentiu-se quando o analista descartou suas projeções muito rapidamente, ou seja, que seus sentimentos não foram modificados, ao que o paciente respondeu tentando (re) projetá-los para o analista com maior desespero e violência. Bion vincula esse processo clínico à experiência do paciente com sua mãe, que não tolerava aceitar as projeções do bebê e que não continha os medos projetados do bebê. Bion sugere que “uma mãe compreensiva é capaz de experimentar a sensação de medo que este bebê estava lutando para lidar através da identificação projetiva, e ainda manter uma perspectiva equilibrada” (Bion, 1959, p. 103-104) (NT: Tradução livre a partir do texto em inglês).

Em 1962, em sua publicação “*O aprender com a experiência*” e em um artigo chamado “*A Theory of Thinking*”, Bion (1962 a,b) aprofunda estes conceitos, descrevendo o estado de espírito receptivo da mãe quando ela pode absorver e conter o terror projetado do bebê como *reverie*. Ao acrescentar a ideia de *reverie* materna à ideia de identificação projetiva, Bion inclui como o ambiente, através das relações primárias, afeta os desenvolvimentos intrapsíquicos. *Reverie* refere-se a um estado mental receptivo onde a mãe inconscientemente identifica e responde ao que é projetado pela criança. Através da *reverie* materna, a mãe cria uma compreensão do que a criança tenta comunicar. A mãe transforma o que Bion chama de elementos beta em elementos alfa, que podem então ser comunicados de volta à criança. Esta é a primeira definição do modelo Continente-Contido, processo que especificamente envolve as seguintes etapas: Primeiramente, a mãe, em estado de *reverie*, recebe e absorve aqueles aspectos insuportáveis do eu, objetos, afetos e experiências sensoriais não-processados (elementos betas) de seu bebê que foram projetados dentro dela em fantasia. Portanto, a mãe deve suportar todos os efeitos dessas projeções em sua mente e corpo, durante o tempo necessário para compreendê-los, num processo ao qual Bion chamou de transformação. Após, tendo assim transformado as experiências de seu bebê dentro de sua própria mente, ela deve

devolvê-las gradualmente à criança de uma forma desintoxicada e digerível (em momentos em que estas possam ser úteis para o mesmo), através de sua atitude e na maneira como ela lida com o mesmo. Numa análise, Bion refere-se a este último segmento do processo como publicação, o que comumente nos referimos como interpretação. A capacidade de "conter" pressupõe uma mãe que tem limites e espaço interno suficiente para acomodar suas próprias ansiedades, bem como aquelas adquiridas em relação ao seu bebê; uma mãe que tem uma capacidade bem desenvolvida para suportar a dor, contemplar, pensar e transmitir o que ela pensa de maneira significativa para seu bebê. Uma mãe que é separada, intacta, receptiva, capaz de *reverie* e apropriadamente doadora é, portanto, adequada para a introjeção como um objeto 'continente', e pouco a pouco, ao longo do tempo, a identificação de tal objeto leva a um aumento de espaço mental, o desenvolvimento de uma capacidade de fazer sentido e a evolução contínua de uma mente que pode pensar por si mesma. Isso é o que Bion passou a chamar de função alfa.

Em "*Elementos de psicanálise*", 1963, Bion considera a relação dinâmica entre o Continente e o Contido, marcada por signos abstratos de ♂ e ♀, como sendo o primeiro elemento da psicanálise. O ♂ (Contido) aqui tem uma qualidade penetrante e o ♀ (Continente) uma qualidade receptiva/ receptora. Nesse contexto, ♀ e ♂ não se restringem ao significado sexual específico, não possuindo nenhuma conotação sexual específica. Eles representam variáveis ou incógnitas: as funções ♀ e ♂ presentes em todas as relações, independentemente de gênero. O ♂ (Contido) penetra no ♀ (Continente), que o recebe e interage com ele, levando à criação de um novo produto. O uso dos símbolos ♂-♀ destaca a natureza biológica da mente, incluindo os conceitos de Freud e Klein sobre sexualidade e configuração edípica. Em seus escritos posteriores, Bion enfatiza a reciprocidade entre as duas partes e o potencial de crescimento e intercâmbio entre elas. O paradoxo da relação dinâmica de Continente-Contido está em sua mutualidade recíproca: algo que contém e algo que está contido também desempenha as funções de continência e de estar contido, mutuamente. Em termos de desenvolvimento, isso significa que o seio, considerado um continente para as ansiedades do bebê, também pode ter função contrária: o bebê como continente para alguns aspectos da personalidade da mãe.

Mais tarde, no contexto clínico, esta reciprocidade é destacada: "A indicação está na observação das flutuações entre o papel do analista ♀ e do analisando ♂ em um determinado momento, e que seguidamente invertem os papéis..." (Bion, 1970, p.108) (NT: Tradução livre a partir do texto em inglês).

No todo, Bion enfatiza que "Conter" implica numa atividade e um processo que permite a formação do pensamento e da sua transformação em palavras; o que é oposto ao uso banalizado e restrito de conter e receber meramente como receptividade passiva. A descrição completa da complexidade e das muitas facetas e processos de transformação estão no centro de sua publicação de 1965, "*Transformações: do aprendizado ao crescimento*" Aqui, Bion introduz um conceito meta-teórico de "O", como o começo, mas também potencialmente o ponto final de processos transformadores multidirecionais. Ele engloba o impensável 'terror sem nome', 'elementos beta', 'coisas em si'; mas também a 'Realidade Última', 'reverência' e 'admiração' (Bion, 1965; Grotstein, 2011a, p. 506).

Como o Continente-Contido faz parte do sistema científico dedutivo de Bion, a teoria do pensar (Bion, 1962a, 1962b, 1963, 1965, 1970), se faz importante nesse contexto. De acordo com essa ampla teoria, "pensamentos" e "aparato do pensamento" têm origens distintas, com "pensamentos" existindo independentemente de seu aparato de pensamento: "pensamentos" não são gerados pelo aparato de pensamento. Em ambos a relação Continente-Contido é seminal. Conseqüentemente, a relação Continente-Contido poderia ser vista como o embrião da vida mental.

De acordo com essa teoria, a gênese de um "pensamento" é um processo no qual a relação Continente-Contido é o passo inicial. A condição para que o conteúdo psíquico (emoção, percepção sensorial) atinja a qualidade mental (representação, pensamento) é a existência do recipiente capaz de contê-lo. O objeto prototípico desta função ("Continente", com sinal ♀) é o seio materno, uma pré-concepção inata à espera de ser realizada. Estímulos sensoriais e emocionais ("conteúdos"), conjugados com este "recipiente" adequado, transformam-se em "Contidos" (com sinal ♂), criando assim a relação "Continente-Contido", o momento inicial de desenvolvimento de um pensamento pelo pensador. A relação Continente-Contido (♀-♂) permite a ocorrência de uma Experiência Emocional, que será caracterizada pelo vínculo que a qualifica, L (amor), H (ódio) ou K (conhecimento, pensamento). Obtendo atenção da Consciência, esta Experiência Emocional pode ser transformada em elemento alfa, a mônada da vida mental, através da operação da função alfa.

O aparecimento de "pensamentos" força a criação de um aparato para lidar com eles. Dois mecanismos fundamentais conjugam-se para tal, ou seja, o Continente-Contido (♀ ♂) e a relação dinâmica entre a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva ((PS↔D)). O modelo Continente-Contido também lida com a evolução do pensamento como fator de crescimento positivo (+ K), ou negativo (-K). Considerando o crescimento mental, nessa relação, ♂ e ♀ são reciprocamente dependentes, com benefício mútuo e sem prejuízo para nenhuma das partes, caracterizando o que Bion chamaria, em 1962, de elo comensal. Em termos de modelo, a mãe e a criança se beneficiam em relação ao crescimento mental (Lopez-Corvo, 2002, p. 158). A criança introjeta essa atividade entre a díade, de tal maneira, que o relacionamento ♀ / ♂ Continente/Contido é internalizado, permitindo o desenvolvimento de uma função que encorajará a personalidade a tornar-se cada vez mais complexa e criativa, a fim de lidar com as questões mentais que surgirão ao longo da vida.

O "retículo integrativo" de Elliott Jaques (1960) é usado por Bion para formar um modelo no qual "as lacunas são os vacúolos e os fios formando a malha do retículo são as emoções" (Bion, 1962, p. 92) (NT: A palavra "sleeves" é utilizada na língua inglesa para nomear "mangas". Aqui, o sentido é nomear os espaços que são delimitados pelos fios ou malha formando assim um retículo. Nesse caso, preferimos utilizar a palavra "vacúolo", conforme a tradução para o português encontrada em : Bion, W.R.:O Aprender com a Experiência, tradução Paulo Dias Corrêa.- Rio de Janeiro: Imago Ed.,1991.). O retículo também recebe "conteúdo" ♂ crescente através de um processo que necessariamente inclui um grau de tolerância do desconhecido [a formação dos vacúolos ainda está esperando pelo conteúdo]. Por outro lado, a aprendizagem depende da capacidade de ♀ permanecer integrado enquanto expande o grau de elasticidade, muito parecido com um útero que se expande para

acomodar o crescimento do feto (Sandler, 2009).

Em uma revisão do conceito em “*Atenção e interpretação*” (1970), Bion deixa de lado a formulação anterior (Bion, 1962) das ligações entre Contínente e Contido (amor, ódio e conhecimento) e propõe uma nova abordagem que enfatiza a relação entre Contínente e Contido. Os três tipos de elos são agora caracterizados como comensais, simbióticos e parasitários. Por comensal, ele quer dizer uma relação na qual dois objetos compartilham um terceiro para a vantagem de todos os três, por exemplo, fundamentos da cultura à qual o continente e o contido pertencem. Por simbiótico, ele entende uma relação na qual um depende do outro para benefício mútuo. Encontramos esse tipo de relacionamento onde a identificação projetiva é usada como comunicação, e o continente transforma isso em um novo significado para ambos. Por parasitário, ele quer dizer uma relação na qual um depende do outro para produzir um terceiro que é destrutivo para todos os três. Nesse caso, a identificação projetiva é explosiva e destrutiva ao continente. O Contínente também é destruidor do conteúdo. O Contínente despe o Contido de sua qualidade de penetração, e o conteúdo despe o Contínente de sua qualidade receptiva (Bion, 1970, p. 95).

O vínculo destrutivo implica o fracasso do Contínente/Contido: no sentido de desenvolvimento, quando o bebê tem uma predisposição a agressividade ou inveja muito forte, ou quando possui baixa tolerância à ansiedade e medo em uma experiência frustrante, há momentos em que a mãe não consegue incentivar o bom crescimento, mesmo se possuir uma simples função de Contínente. As correspondências e ações que a mãe retorna não são suficientes para o bebê aliviar a ansiedade e o medo, tornando-se difícil para o bebê introjetar sua função de continente, identificando-se e encaixando em si mesmo. Ao contrário, mesmo que a predisposição do bebê seja normal, quando a função de continente da mãe é insuficiente, esta não consegue compreender e assimilar a experiência de ansiedade projetada pelo bebê. Em tal situação, o que a mãe retorna para o bebê não é integrado e o significado é confuso, pois o bebê não pode aceitá-lo como sua própria experiência significativa.

Assim, ao lado de +K, que favorece o crescimento, há o -K indicando uma relação simbiótica ou parasitária entre o sinal continente ♂ e o sinal contido ♀, que seria uma outra maneira de lidar com a situação emocional em oposição ao pensamento e seu consequente crescimento. Ou seja, uma relação que poderia levar à destruição mútua.

Ao aplicar o conceito de continência aos sistemas sociais, Bion descreveu o conflito entre o grupo (ou ordem social fixa, a instituição), com o do místico, o indivíduo trazendo uma nova ideia potencialmente desestabilizadora para o grupo. O indivíduo representando a nova ideia precisa estar contido dentro do grupo, mas isso pode resultar na ideia sendo comprimida pelo grupo, ou o grupo sucumbindo sob a pressão desta.

Com o aparecimento de -K, existe a presença da inveja e do medo, que colaboram decisivamente para o não desenvolvimento de pensamentos e criatividade essenciais ao modelo Bioniano de vida mental. A configuração -(♀, ♂) (menos continente-contido) leva à moralidade crescente e ao surgimento de um "super-superego que impõe a superioridade moral de desfazer e desaprender, e a vantagem de encontrar falhas em tudo (Sandler, 2009, pp. 262-263).

Nesse contexto, é interessante notar que em seu texto de 1970 “*Atenção e*

interpretação”, Bion se refere ao Continente-Contido modificado, inicialmente apresentado como uma Mudança Catastrófica, na qual haveria expansão de ambos os elementos.

Em sua publicação de 1970 *“Atenção e interpretação”* (NT: O título referido no original em inglês é *“Attention and Interpretation: A Scientific Approach to Insight in Psychoanalysis Groups”*), Bion resumiu e desenvolveu ainda mais seu sistema teórico, sua contribuição em “Continência” pareceu modesta, mas progressivamente se tornou um novo conceito organizacional para a psicanálise. Permitiu que analistas e terapeutas “de ambos os lados do corredor” usassem uma linguagem comum sobre comunicação pré-lexical afetiva entre a mãe e o bebê. Bion parecia ter aberto um caminho significativamente novo para o vértice da topografia mental com seu "Continente/Contido", juntamente com sua reorganização das funções L (amor), H (ódio) e K (conhecimento), que deveriam servir e interagir com Continente/Contido.

Para isso a natureza da interação que ocorre tanto dentro do eu como entre o self e o(s) objeto(s) limitou-se à operação de introjeção e projeção (posteriormente identificação introjetiva e projetiva). Essas duas últimas funções foram as precursoras do desenvolvimento de todos os mecanismos de defesa subsequentes, tipificando as limitações do modelo de psicanálise de uma única pessoa, que sustentava que a estrutura intrapsíquica era constituída apenas pelas representações do sujeito.

Em Continente/Contido, Bion desenvolveu uma epistemologia única da comunicação básica entre mãe e bebê, na qual o processo incipiente de pensamento começa com a identificação projetiva dos "pensamentos (emoções) do bebê sem um pensador" (Bion 1970, p. 104) (NT: Tradução livre a partir do texto em inglês) em sua mãe como um continente, cuja *reverie* e função alfa os transforma em pensamentos concebíveis, sentimentos, sonhos e memórias. Através dessa comunicação, a função alfa do bebê amadurece, já que “ele começa a pensar por si mesmo projetando-se em seu continente interno- objeto com sua própria função alfa...” (Grotstein, 2005, p 1056) (NT: Tradução livre a partir do texto em inglês). Em termos de desenvolvimento e clinicamente, a função Continente/ Contido se desloca por inversão, dialogicamente, entre os dois participantes. Na opinião de Grotstein (2005), o time continente projeção-mãe-bebê representa um modelo irreduzível de duas pessoas, a partir do qual os modelos de uma pessoa baseados em projeção, introjeção e/ou identificação projetiva podem vir a ser consequência de falhas na Continência. Em seu análogo clínico, o modelo de duas pessoas Continente/Contido inclui a presença e as atividades do analista, embora permaneça centrado no analisando. Uma vez que a cena psicanalítica interativa é ampliada para duas pessoas, num panorama tridimensional, a perspectiva intersubjetiva ("vértice") poderia ser explorada. A Continência poderia agora ser vista como proliferando muitos, se não todos, os fenômenos de transferência/contratransferência, tornando-se um elo latente ("ordem oculta") entre os dois (Grotstein, 2011b).

Em algumas de suas excursões altamente teóricas, Bion (1965, 1970, 1992) vincula o conceito de Continência às Formas Ideais de Platão e às Coisas-em-Si de Kant. Aqui, o sujeito projetante ativa os análogos específicos de Continente/Contido com a panóplia de L, H e K, dormentes em sua condição universal pré-existente das Formas Ideais e Coisas-em-Si.

IV. DESENVOLVIMENTO PÓS-BION

Os psicanalistas pós Bion discutiram, elaboraram e aprofundaram o desenvolvimento de várias dimensões do modelo Continente-Contido. Alguns exemplos de tais elaborações e desenvolvimentos adicionais, abrangendo globalmente várias regiões psicanalíticas estão citados abaixo.

Na Inglaterra, Ronald Britton (1998) enfatizou como as palavras fornecem um contêiner para uma experiência emocional criando um "limite semântico" ao seu redor, enquanto a própria situação analítica fornece um "mundo delimitado" e um lugar onde o significado pode ser encontrado. Ele também desenvolve uma relação mutuamente destrutiva de continente-contido, "continência maligna", na qual o sujeito que se depara com a introdução de uma nova ideia pode imaginar apenas duas alternativas (catastróficas), "encarceramento ou fragmentação". O estudo de Betty Joseph enfatizou os aspectos comunicativos da identificação projetiva, a fim de manter o equilíbrio psíquico, e a possibilidade desse processo levar à mudança psíquica, se contida (Joseph 1989).

Analistas norte-americanos como James Grotstein (1981, 2005), Robert Caper (1999) e Thomas Ogden (2004) também fizeram contribuições substanciais para o conceito. Especificando os processos de transmissão dentro da comunicação pré-lexical Continente/Contido, Grotstein desenvolveu o conceito de "transidentificação projetiva": "Assim, quando o analista atua como um Continente para as experiências do analisando; o analisando inconscientemente *identifica projetivamente* seu estado emocional em sua *imagem* de analista com a esperança de se livrar de uma dor e de induzir esse estado no analista manipulando sua imagem... O analista, que está disposto a ser um coparticipante útil nesta *joint venture*, torna-se aberto e receptivo... Isso... resulta na contra criação do analista de sua própria imagem através das projeções do analisando ..." (Grotstein, 2005, p. 1064) (NT: Tradução livre a partir do texto em inglês). Caper destacou como um elemento-chave de continência envolve a capacidade do objeto que recebe a projeção de manter uma atitude realista em relação à parte projetada, a fim de poder refletir sobre a mesma, desenvolvendo-a de uma forma mais controlável. Isso ele entende como ir além da mera exploração, que visa principalmente apoiar o narcisismo do paciente. O trabalho de Thomas Ogden concentrou-se nas subjetividades interativas envolvidas na identificação projetiva. O modelo Continente-Contido agora é amplamente aceito não apenas dentro, mas também fora do grupo Kleiniano. Entre outros, Arnold Modell (1989) destacou a função Continente do cenário psicanalítico como um todo. Judith Mitrani (1999, 2001) elaborou a importância da função Continente do analista dentro dos paradigmas de transferência e contratransferência, para várias condições de desenvolvimento e (psico)somáticas.

O modelo franco-canadense contemporâneo de Louis Brunet (2010), um exemplo da síntese do pensamento de ambos "*Late Bionian*" (Grotstein, 2005) e French (De M'Uzan, 1994) sobre o assunto, oferece uma construção clínica específica deste conceito. Neste caso, Continência possui aspectos "fantasmáticos" e "reais" que devem ser entendidos em conjunto. Existem aspectos intrapsíquicos e "fantasmáticos" na psique do paciente e do analista, existindo

uma resposta “real” do analista ou do objeto. Abaixo, segue uma taxonomia abreviada de cinco etapas que levam a uma resposta continente adequada:

1. O ponto de partida pode consistir na identificação projetiva de um paciente (conteúdo aflitivo expulso/projetado no analista) associado à fantasia inconsciente do paciente sobre a existência de um objeto potencial indestrutível que seria capaz de "conter" aquelas projeções perigosas, podendo devolver para a criança (para o paciente) uma versão "tolerável" e "integrável" deste conteúdo;
2. Após o primeiro movimento “intrapríncipal”, o paciente, ou criança, acrescenta comunicações, atitudes e comportamentos infra verbais e verbais, atuando como induções emocionais em relação ao sujeito (analista, pais). Essas induções são tentativas de "sensibilizar o analista" para fazê-lo sentir e absorver o que é projetado. (Veja Grotstein, 2005);
3. O objeto “real” - a mãe, o analista - deve estar disposto a ser tocado, impressionado, movido, agredido, de fato usado de todas as maneiras necessárias à transferência de elementos arcaicos do paciente/criança;
4. A mãe, o analista - sente emoções, algumas conscientemente, mas principalmente inconscientemente, através de identificações. A mistura de tais identificações, e as ansiedades e conflitos "desencadeados" no analista/mãe, criam um auto(sujeito)-objeto de amálgama. De M'Uzan (1994) estudou este aspecto através do conceito de quimera;
5. Esta quimera deve ser “entendida e transformada” pelo analista. Este trabalho pode ser visto como uma "digestão psíquica", tanto das projeções do paciente/criança quanto dos próprios conflitos e afetos do analista/mãe mobilizados pela projeção. Ele deve então devolver um "conteúdo digerível", sendo que o perigo está em enviar/devolver ao paciente uma contra identificação projetiva.

Na América Latina, Cassorla (2013) elaborou a função simbolizadora de continência do analista no contexto de *enactments* crônicos (ver ENACTMENT). Ele escreve sobre a capacidade de simbolizar como um produto contido na função- α simbolizadora implícita, que o analista usa durante *enactments* crônicos. Nesse contexto, a função- α implícita do analista é sua capacidade de tolerar (conter) os movimentos obstrutivos que invadiram o processo analítico, sem abrir mão de novas abordagens para a compreensão do que está ocorrendo, na preparação de interpretações futuras (dos *enactments*), se consideradas significativas pelo analisando.

V. CONCEITOS RELACIONADOS

O modelo Continente/ Contido foi desenvolvido em paralelo com outros conceitos de “espaço” da mente, que enfocam a necessidade de internalizar a função materna no

desenvolvimento da capacidade de refletir/ simbolizar/mentalizar.

O conceito de continência deve ser diferenciado do conceito de *holding* (Winnicott, 1960). O conceito de *holding* transmitido por D.W. Winnicott, assim como o conceito de continência, afirmam que o bebê não pode ser entendido independentemente da mãe, e que a internalização da função materna de "*holding*" é necessária para o desenvolvimento mental. No entanto, *holding* é um termo mais amplo, abrangendo tanto uma sensibilidade psíquica elevada às necessidades do bebê, quanto a manutenção física e a total provisão ambiental (Winnicott, 1960). Contrariamente, o conceito de continência implica um envolvimento intrapsíquico mais ativo da parte do objeto, dependendo mais da personalidade da mãe.

Esther Bick (1968), Donald Meltzer (1975) e, mais tarde, Didier Anzieu (1989), de uma maneira um pouco diferente, conceituam o desenvolvimento do Eu-pele como uma função de continência. André Green (1999), escreve sobre a necessidade de uma alucinação negativa da função materna para criar um espaço interno para simbolização. Estes últimos diferem de Bion, já que estes também chamam a atenção para os estados em que se supõe que o espaço psíquico ainda não tenha sido atingido, bem como para outras formas primitivas de relacionamento (antes da identificação projetiva), como por exemplo a identificação primária e adesiva.

VI. USO ATUAL E CONCLUSÃO

O modelo Continente-Contido possui uma ampla aplicação na psicanálise contemporânea. Na psicanálise clínica, a função da continência é considerada de grande importância pela maioria dos psicanalistas contemporâneos, independentemente de sua orientação teórica. O termo é aplicado não só para a compreensão dos processos de identificação projetiva, mas também para o trabalho com estados psíquicos dominados pelo excesso de tensão/emoções devido a traumas e/ou estados psíquicos indiferenciados. Atualmente, muitos também enfatizariam a importância de internalizar a função paterna, e não apenas a *reverie* materna e a função alfa. Ou seja, o vínculo do pai com a mãe, assim permitindo que esta mantenha um estado de espírito equilibrado para atender às necessidades do bebê e, ao mesmo tempo, permitindo a existência de um espaço triangular.

A teoria da continência de Bion fornece uma nova lógica para a eficácia terapêutica. É uma teoria do pensamento baseada em uma experiência emocional do saber que ele designa como "K", e a busca da verdade no encontro terapêutico, que para Bion é de vital importância para a mente, tanto quanto o alimento é para o corpo. Em termos de técnica, esta teoria ajuda a orientar o analista durante a sessão em relação ao que o paciente pode estar trazendo, e que requer um trabalho psíquico de "continência" afim de provocar mudanças psíquicas.

Ver também:

ENACTMENT

IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA (em breve)

REFERÊNCIAS

- Anzieu, D. (1989). *The Skin Ego*. New Haven: Yale University Press
- Auchincloss, E. and Samberg, E. (Eds.) (2012). *Psychoanalytic Terms and Concepts*. New Haven: Yale University Press.
- Bick, E. (1968). The Experience of the Skin in Early Object Relations. *Int. J. Psycho-Anal.*, 49: 484-486.
- Bion W.R. (1959). Attacks on linking. *International Journal of Psychoanalysis* 30:308-15, 1959, republished in Bion, W.R. (1967). *Second Thoughts*. Heinemann, 1967, pp 93-109
- Bion, W.R. (1962a). *Learning from Experience*. London: Tavistock.
- Bion, W.R. (1962b). The Psycho-Analytic Study of Thinking. *International Journal of Psycho-Analysis*, 43:306-310
- Bion, W.R. (1963). *Elements of Psycho-Analysis*. London: Heinemann.
- Bion, W.R. (1965). *Transformations: Change from Learning to Growth*. London: Tavistock.
- Bion, W.R. (1970). *Attention and Interpretation*. London: Tavistock.
- Bion, W.R. (1984). *Second Thoughts: Selected Papers on Psychoanalysis*. London: Karnac.
- Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. London: Karnac.
- Britton, R (1998). *Belief and Imagination*, London: Routledge.
- Brunet, L. (2010). *Limites, transferts archaïques et fonctions contenant*. In *Les psychoses. Traité de psychopathologie de l'adulte*. C. Chabert, ed., Paris: Dunod, 133-172.
- Caper, R. (1999). *A Mind of One's Own*, London: Routledge.
- Cassorla, RMS (2013). When the Analyst Becomes Stupid. An Attempt to Understand Enactment Using Bion's Theory of Thinking. *Psychoanal Q*, 82: 323-360.
- De M'Uzan, M. (1994). *La Bouche de l'inconscient*. Paris: Gallimard.
- Green, A. (1999). *The Work of the Negative*. London: Free Association Books
- Grotstein, J.S. (1981). Wilfred R. Bion: The Man, the Psychoanalyst, The Mystic. A.

perspective on his life and work. *Contemporary Psychoanal.*, 17:501-536

Grotstein, J. (2005). 'Projective Transidentification': An Extension of the Concept of Projective Identification. *Int. J. Psycho-Anal.*, 86: 1051-1069.

Grotstein, J. (2011a). Bion's Dream: A Reading of the Autobiographies. By Meg HarrisWilliams. London: Karnac, 2010. 131 pp. *Psychoanalytic Quarterly*, 80:504-510.

Grotstein, J. (2011b). "The Psychoanalytic Covenant: The Hidden Order of Transference and Countertransference." 2011 Franz Alexander Lecture, Sponsored by the New Center for Psychoanalysis. Friday March 25, 2011.

Jaques, E. (1960). Disturbances in the Capacity to Work. *International Journal of Psycho-Analysis*, 41:357-367.

Joseph, B. (1989). *Psychic Equilibrium and Psychic Change*, London: Routledge.

Klein, M. (1946). Notes on Some Schizoid Mechanisms. *International Journal of Psycho-Analysis*, 27:99-110

Lopez Corvo, R.E. (2002). *Diccionario de la obra de Wilfred R. Bion*. Madrid: Biblioteca Nueva.

Meltzer, D. (2008). *Explorations in Autism*, London: Karnac.

Ogden, T. (2004). On Holding and Containing, Being and Dreaming. *Int. J. Psycho-Anal.*, 85: 1349-1364.

Mitrani, J. (1999). The Case of 'The Flying Dutchman' and the Search for a Containing Object. *Int. J. Psycho-Anal.*, 80:47-69.

Mitrani, J.L. (2001). 'Taking the Transference': Some Technical Implications in three Papers by Bion. *Int. J. Psycho-Anal.*, 82:1085-1104.

Modell, A.H. (1989). The Psychoanalytic Setting as a Container of Multiple Levels of Reality: A Perspective on the Theory of Psychoanalytic Treatment. *Psychoanal. Inq.*, 9: 67-87.

Rosenfeld, H. (1959). An Investigation Into the Psycho-Analytic Theory of Depression. *Int. J. Psycho-Anal.*, 40:105-129.

Rosenfeld, H. (1969). On the Treatment of Psychotic States by Psychoanalysis: An Historical Approach. *Int. J. Psycho-Anal.*, 50:615-631.

Sandler, P.C. (2009). *A clinical application of Bion's ideas- Dreaming, transformation, containment and change*. London: Karnac.

Skelton, R. (Ed). (2006). *The Edinburgh International Encyclopaedia of Psychoanalysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Winnicott, D.W. (1960). The Theory of the Parent-Infant Relationship. *Int. J. Psycho-Anal.*, 41: 585-595.

Consultores Regionais e Colaboradores

Europa: Sølvi Kristiansen, Cand. Psychol.; and Dimitris-James Jackson, MD

América Latina: Vera Regina, J.R.M. Fonseca, MD, PhD; João Carlos Braga, MD, PhD; Antonio Carlos Eva, MD, PhD; Cecil Rezze, MD; and Ana Clara D. Gavião, PhD

América do Norte: Louis Brunet, PhD; Eve Caligor, MD; James Grotstein, MD; Takayuki Kinugasa, MD; Judith Mitrani, PhD; and Leigh Tobias, PhD

Co-presidente inter-regional de coordenação: Eva D. Papiasvili, PhD, ABPP

Assistência Editorial Adicional em Inglês: Leigh Tobias, PhD

O Dicionário Enciclopédico Inter-Regional IPA de Psicanálise está licenciado sob Licenças *Creative Commons* CC-BY-NC-ND. Os direitos principais permanecem com os autores (IPA e membros colaboradores da IPA), no entanto, o material pode ser utilizado por terceiros, não com fins comerciais, desde que com atribuição total à IPA (incluindo referência à URL www.ipa.world/IPA/Encyclopedic_Dictionary) em reprodução literal, não de forma derivada, editada ou remixada. Clique aqui para acessar os termos e condições.

Tradução para o português: Alda R. D. de Oliveira (Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre)

Coordenação e edição para a tradução para o português: Maria Cristina Garcia Vasconcellos (Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre)